

REPRESENTAÇÕES DO NARCISO MODERNO NA CONSTRUÇÃO DAS PERSONAGENS EM TRÊS CONTOS DE CLARICE LISPECTOR

Maria da Luz Duarte Leite Silva (UERN)
lulinhaduarte@hotmail.com

1 APRESENTAÇÃO

Num cenário que tem sido comumente nomeado de modernidade, marcado pelo multiculturalismo, pelo consumismo, o indivíduo apresenta-se cada vez mais deslocado, com fronteiras não definidas, presentes no debate atual como “entre-lugar”, ocasionando a chamada “crise de identidade”. Um traço característico deste momento é o novo modo de constituição da identidade dos indivíduos. Tal como afirma Hall (2006), na atualidade as identidades dos sujeitos são marcadas pelo caráter de esfacelamento e fragmentação. Nesse sentido, se antes as questões identitárias eram sólidas, hoje se encontram com fronteiras indefinidas e mutáveis.

A partir disso, é possível dizer que a identidade é algo que não é realizada ou construída de forma definitiva, uma vez que, conforme afirma Bauman (2005, p. 35) “as identidades ganharam livre curso, e agora cabe a cada indivíduo, homem ou mulher, capturá-las em pleno vôo, usando os seus próprios recursos e ferramentas”.

Dessa forma, o sujeito moderno experimenta muitas transformações, tais como, culturais, profissionais, sociais, religiosas, sexuais e de identidade, pois as incertezas e inseguranças, provocadas pela era moderna, ocasiona um esfacelamento de identidades. O sujeito deixa de lado a sua particularidade, mascarando-se de forma a adequar-se a um padrão que a sociedade projeta para ele, ocasionado a duplicidade do eu. Mesmo o descentramento do eu sendo uma característica do sujeito moderno, desde a Antiguidade apresentava como aspectos relacionados ao duplo.

Na literatura, o tema do duplo não é exclusivo dela, pois aparecem em vários campos como o mitológico, o psicanalítico, o religioso, o filosófico e muitos outros. Esse tema é explorado na literatura por meio da ficção, da comédia, desde a Grécia antiga, com Aristófanes, Platão, Molière e tantos outros, apresentando-se através dos gêmeos, que usurpavam identidades. Ou seja, o duplo é visto como um outro em si mesmo, um eu incógnito que se reconhece por meio do processo de estranhamento. É a partir de tal perspectiva que buscamos a conexão existente entre mito e literatura, procurando analisar as marcas do mito de Narciso em três contos de Clarice Lispector, sobretudo, o modo da atualização do referido mito na representação das personagens. Para isso, centraremos nossa investigação na análise dos contos, “Devaneio e Embriaguez Duma Rapariga”, “Ele me Bebeu”, e “Obsessão” de Clarice Lispector, que constitui o *corpus* dessa pesquisa.

A nossa pretensão foi compreender como as marcas do duplo se configuram na prosa lispectoriana, observando que o espelho, no conto “Devaneio e Embriaguez Duma Rapariga,” instiga uma forma de apropriação metafórica do mito de Narciso. No conto “Ele me bebeu”, a maquiagem é o recurso utilizado para relacionar o real e o ideal na imagem da mulher. Em “Obsessão”, a presença do duplo dá-se através do diálogo com o outro.

Os contos de Lispector seguem o problema existencial do ser humano, seguidos do caráter introspectivo, já que suas personagens voltam-se sobre si mesmas. A ação passa a ser um evento (atmosfera), refletindo num problema vivido por suas personagens, que irão se descobrir num mundo de insegurança e incertezas. Daí a busca incessante por uma identidade, levando-as a uma viagem interior, entendida como o fluxo de consciência, momento em que se sentem iluminada pela consciência, cujo percurso acarreta o seu descentramento. Nos seus contos, esse descentramento é revelado através de metáforas, como o espelho, o outro, a maquiagem, dentre outros, remetendo a questão do duplo. Nas narrativas

lispectorianas é presente a dualidade na completude do ser, as suas personagens vivem quase sempre se projetando no outro, integrando-se nas convenções e estereótipos da sociedade moderna, sendo a sua individualidade um processo doloroso e angustiante.

É nessa complexidade da arte de Lispector que percebemos a ideia do duplo em muitos contos da autora, a título de exemplo, temos no conto “Amor” o processo epifânico. A protagonista Ana, numa freada brusca do ônibus diante de um cego mascarando chicletes, desperta para as condições de vida. Em “O Búfalo” a mulher infeliz no amor busca no outro (o búfalo), a sua vontade de matar, odiar o outro que trazia-lhe infelicidade.

Observamos que essas narrativas, dentre outras de Lispector, despertaram pouco interesse por parte da crítica, pois são ainda pouco estudadas – dos três, os contos integrantes da obra *Laços de família*, é o que apresenta maior número de análises – razão pela qual optamos por inseri-las em nosso universo de pesquisa, no sentido de contribuir com a prosa lispectoriana. O motivo que levou-nos a analisar os indícios do mito de Narciso nos contos da autora deveu-se ao fato de apresentar variadas metáforas e alternativas discursivas da atualização do mito de Narciso. Logo, o propósito da pesquisa é identificar o modo de atualização do mito na ficção da autora, tendo como ponto focal a representação das personagens nos três contos selecionados.

Por fim, para sustentação de nossas análises, nos fundamentamos em alguns teóricos e pesquisadores. Para refletir sobre a relação entre duplo e a literatura, tomaremos como base os estudos de Mello (2000), Bravo (1998) e Lamas (2004), dentre outros que tratam especificamente dessa questão.

2 JUSTIFICATIVA

Os estudos sobre a identidade revelam que o desenvolvimento econômico, científico e cultural vem causando impacto na construção da individuação do sujeito moderno, e por isso nasce a concepção de que as identidades divergem de acordo com às mudanças que ocorrem na sociedade, demandando sujeitos que se adaptem às transformações sociais.

Em um mundo em constante evolução, as sociedades tornam os sujeitos individualizados, esvaziados, descentralizados, esfacelados, ocasionando o que denominam no contexto atual de crise de identidade. Diante disso, percebemos que a literatura se apresenta como uma das formas de conhecimento sobre os homens, suas relações com o mundo e, por isso, é ideal como matéria problematizadora da realidade, possibilitando um diálogo entre fatos sociais e a realidade ficcional, superando, como salienta Candido (2000), a visão ufanista da sociedade.

Candido (2000) apresenta a relação literatura e sociedade como uma forma de superação de uma visão a princípio ufanista para um entendimento mais social, com foco não mais no coletivo. À luz da ideia do autor, a obra literária só poderá ser compreendida na fusão do texto e do contexto. Assim sendo, a literatura tornou-se uma forma de dar respostas aos desafios apresentados aos homens, estando presente em sua vida, através de uma linguagem específica, que facilita o entendimento do eu e do mundo, através da ficcionalidade. Entendemos que a literatura é uma expressão da realidade, servindo para esclarecimento, representando fatos do cotidiano do indivíduo.

Dessa forma, a relação da literatura com a sociedade permite justificar que a prosa brasileira contemporânea caracteriza-se pela ênfase psicológica, social e do cotidiano do sujeito, pois a comunicação literária vem tornando-se um meio facilitador das expressões do indivíduo em sociedade. Candido (2000, p. 17) refere-se à literatura como um espaço que envolve a vida artística e a sociedade.

A intenção de Candido é mostrar que na vida artística e literária aparecem aspectos sociais, psicológicos, políticos, dentre outros, que apontam a relação literatura e sociedade,

ajudando-nos na compreensão da formação do sujeito social. Para os sociólogos modernos, a arte é social nos dois sentidos: depende da ação de fatores do meio, que se exprimem na obra literária em diferentes graus; e produz sobre os indivíduos um efeito prático, modificando sua conduta e concepção de mundo, ou reforçando neles o sentimento dos valores sociais. Isto decorre da própria natureza da obra e, independe do grau de consciência que possam ter a respeito os artistas e os receptores de arte. (CANDIDO, 2000).

A literatura dialoga tanto com a sociedade como com o mito, por isso, observaremos os indícios do mito, especificamente o de Narciso, para análise do nosso estudo, pois como diz Martinon (1977), a literatura apresenta-se como um norte para a representação mitológica. Partindo dessa premissa, e considerando a construção da identidade em alguns contos de Clarice Lispector, vemos a perspectiva de relacioná-la a questão do duplo, pois suas personagens, em sua grande maioria, sofrem o drama de compreender o diálogo entre o eu e o outro. A duplicidade do EU se manifesta na produção literária de Lispector por meio de várias metáforas, como o espelho, a sombra, o outro dentre outras formas.

Em nossa leitura dos contos clariceanos foram oportunos os postulados de Mielietinski (1987), que nortearão o trabalho por apresentar conceitos categóricos a respeito da relação literatura e mito. O estudioso afirma que a literatura está ligada por via do conto maravilhoso e o epos heróico, aparecendo através do folclore. Dessa forma, conforme o autor, o mito tem servido como um processo de relação com a literatura. “A literatura antiga se alimenta da mitologia e da cosmologia mitológica [...] a literatura medieval permanece sob o domínio da mitologia cristã [...]”. (MIELIETINSKI, 1987, p. 329). Assim sendo, os mitos antigos são reatualizados, ou seja, apresentam uma forma moderna, atendendo, as exigências sociais. O discurso mítico permanece presente no discurso literário, assumindo novos significados e perspectivas.

É por esse motivo que se justifica analisarmos as representações do mito de Narciso na construção das personagens nos contos do *corpus* da pesquisa como possíveis atualizações desse mito. Segundo Ovídio (citado por CAVALCANTI, 1992), em suas *Metamorfoses*, Narciso é fruto da união do deus-rio Céfiso com a ninfa Líriope. Preocupada com a beleza de seu filho, sua mãe procura o adivinho Tirésia para saber se teria vida longa. O adivinho disse que teria, somente se não se conhecesse. Ovídio relaciona o destino de Narciso também a ninfa Eco, esta é desprezada por ele. Eco só repete as últimas palavras, devido ter desafiado Era esposa de Zeus. A tentativa de Eco a Narciso foi frustrante. Outras pessoas também foram desprezadas por seu amor. As pessoas rejeitadas por Narciso invocam aos céus por castigá-lo. A ninfa Nêmesis atende as súplicas. Este rapaz de extraordinária beleza se apaixona por si mesmo. Por um momento, pensa está apaixonado por alguém muito belo. Mesmo quando percebe o absurdo dessa paixão, não consegue se afastar da fonte. Começa a definha-se, até morrer. No local, conta o mito, nasce uma flor de pétalas brancas com um centro amarelo. Conforme afirma Cavalanti (1992, p. 11), “O mito de Narciso adquire na nossa época a sua maior importância. Neste momento, vivemos um movimento direcionado para o conhecimento do outro, abertura para saber quem é aquele diferente de nós mesmos”.

Mediante o exposto, procuraremos mostrar essa ralação nos contos clariceanos, uma vez que as marcas do Narciso ressignificado nos permitem compreender como se constituem o processo de individuação, ou a busca do si mesmo nas personagens clariceanas, pois estas se apresentam esfaceladas, correspondendo ao problema do narcisismo, indagando sobre “O quem sou eu?” Essa busca caracteriza o sujeito na sociedade moderna, que acaba sendo projetado por ela, deixando o seu eu descentrado, mascarando-se. Tudo isso nos remete, ainda, às dificuldades de relacionamento com o outro que estão presentes no sujeito da modernidade, característica típica de uma sociedade individualizada, como bem lembra Bauman (2004).

Para Freud (1997b), o narcisismo é visto como um estado primitivo psíquico do ser humano, faz também a distinção entre o estado narcísico normal e o patológico, sendo este último considerado como estado regressivo. O autor estudou o narcisismo não só através de patologias, mas, também, pela observação da vida erótica. Como as patologias do homem, em sua grande maioria, advêm da conturbada vida moderna, o seu legado influenciou na escolha pela análise do conto contemporâneo, visto a proximidade da sua teoria com a vida do homem moderno.

Nos contos de Clarice Lispector a temática do duplo é recorrente, conforme podemos verificar nas narrativas de *Laços de Família* (1998b) e *A bela e a fera ou a Ferida Grande demais* (1999a), dentre outros. Para esta análise, escolhemos três contos da autora, como uma amostra do problema, focalizando o espelho como metáfora presente no conto, “Devaneio e Embriaguez Duma Rapariga”, a maquiagem e a imagem do salão de beleza, presentes em “Ele me bebeu”, e “Obsessão” onde o duplo é visto por meio da transformação da personagem Cristina, uma mulher casada e boazinha que com um amante aprende a ser outra, desenvolvendo o seu lado maligno. Dessa forma, esperamos que essas perspectivas de apropriação e ressignificação do mito de Narciso, sejam suficientes e satisfatórias para a defesa de nossa hipótese, de que os traços do referido mito estão presentes na prosa ficcional de Clarice.

O Narciso clássico é o indivíduo que não se reconhece ao contemplar sua imagem refletida, por isso, deseja-o. Já o Narciso moderno, é cômico de seus vários reflexos, dos diversos eus. Ele é capaz de agir sem sentimento, esvaziado de sua identidade, causando a desordem de sua personalidade, o que torna sua vida marcada pela busca constante de sua identidade.

Adorno e Horkheimer, (1988, p. 11), em *Dialética do esclarecimento* (1985), contribuem na compreensão da história do mito, pois quando dizem: “[...] descobrir porque a humanidade em vez de entrar num estado verdadeiro humano está se afundando numa nova espécie de barbárie”, remete-nos a ideia de que, o conceito de esclarecimento, de razão e de ciência, devem ser vistos como formas de desmistificar o mundo idealizado pelo movimento iluminista. Definem ainda que mito e esclarecimento, antes de serem opostos, como queriam os iluministas, apresentam sua aproximação, pois o mito traz algo da racionalidade conservadora, e o esclarecimento moderno possui conhecimento mítico. “O mito já é esclarecimento e o esclarecimento acaba por reverter à mitologia”. (ADORNO E HORKHEIMER, 1988, p. 15). O conhecimento moderno redefiniu o mito.

Conforme afirma Lasch (1994), o sujeito moderno perdeu a confiança no futuro, vive um dia de cada vez, pois a política do consumo mascarará-o. Em *O Mínimo Eu*, Lasch (1994, p. 16) elucida que: “[...] o narcisismo não constitui a essência da recente busca americana por outra satisfação. “[...] o narcisismo é a sua traição”. O seu legado traz importantes contribuições no sentido de servir de reflexão na compreensão dos indivíduos narcísicos, pois busca esclarecer o que as mudanças sociais ocasionam na vida pessoal e social do sujeito moderno. O consumismo faz com que o indivíduo moderno, na busca de sua satisfação, enfrente o mundo como um reflexo de seus anseios e temores, é tanto que, experimenta a realidade, como a sua vida psíquica não como um sentido válido do eu, mas se projetando no espelho da sociedade.

Portanto, a escolha dos três contos de Clarice selecionados para esta pesquisa justificou-se pelo fato de observarmos que essas narrativas manifestam ecos do mito de Narciso através de metáforas ligadas ao tema do desdobramento do eu, como já foi dito anteriormente. Dessa forma, este trabalho, ao abordar as representações do Narciso moderno em contos de Clarice Lispector, pode contribuir com outros estudos desenvolvidos na área, ampliando para novas discussões. Destacamos fatores intrinsecamente relacionados às questões de identidade, relacionando às marcas do narcisismo moderno e seu caráter duplo.

Para tanto, buscamos as raízes filosóficas (Platão), psicológicas e psicanalíticas (Jung, Freud), míticas (mito de Narciso, mito do Andrógino, dentre outros) e literárias (Wilde, Camus, Kafka, Gogol, Machado de Assis, Guimarães Rosa, dentre outros) como forma de atingir nosso objetivo.

Logo, o arcabouço teórico citado, entre outros que vieram a surgir, estavam em conformidade com a nossa proposta de estudo. Dessa forma, pretendemos aproximar a bibliografia em que se respalda a linha de pesquisa **Discurso, Memória e Identidade** do Programa de Pós-Graduação em Letras – PPGL. Com a fortuna crítica de Clarice Lispector, especificamente nos três contos selecionados.

3 OBJETIVOS

3.1 Geral

- Analisar as marcas do mito de Narciso nos contos de Clarice Lispector “Ele me Bebeu”, “Devaneio e Embriaguez Duma Rapariga” e “Obsessão”, procurando identificar o modo de atualização do mito na representação das personagens.

3.2 Específicos

- Identificar formas clássicas do mito do desdobramento do eu expressos em contos de Clarice, bem como metáforas, arquétipos e outros procedimentos simbólicos ligados à construção da identidade;
- Compreender o modo de apropriação e ressignificação do mito de Narciso em contos clariceanos;
- Analisar o modo de configuração do mito de Narciso na construção das personagens de Clarice Lispector nos contos;
- Analisar pontos convergentes e/ou divergentes na representação do mito do desdobramento do eu em contos de Clarice Lispector;
- Refletir sobre a relação entre a perspectiva da identidade nos dias atuais e as formas de representações do narcisismo nos contos selecionados.

4 REFERENCIAL TEÓRICO

Os estudos sobre a identidade apresentam que a revolução tecnológica causou no indivíduo moderno mudanças estruturais, de cultura, sexualidade, raça, etnia e, sobretudo, de nacionalidade, fragmentando e deslocando a sua identidade. Se antes tinham um eu definido, hoje esse é abalado pelas referências modernas, causando a “crise de identidade”.

Conforme afirma Hall (2006), a identidade do sujeito moderno encontra-se fragmentada, descentralizando o sujeito. O autor apresenta três concepções de identidade relacionando a três tipos de sujeito. Sujeito do iluminismo, sociológico, pós-moderno. O primeiro se refere a um indivíduo centralizado, dotado de capacidade racional, sendo o centro do eu uma identidade individualizada, o iluminismo o definia como masculino. O segundo o sujeito é reflexo da sociedade moderna, a sua interioridade não era autônoma, visto que era formada na relação com os outros, que serviam de mediação na construção de valores, sentidos e símbolos. A identidade se constitui na interação entre o eu e a sociedade. “[...] a identidade, nessa concepção sociológica, preenche o espaço entre o interior e o exterior, entre o mundo pessoal e o mundo público”. (HALL, 2006, p.10-11). A terceira concepção diz que o sujeito não apresenta uma identidade fixa, tornando-se uma “celebração móvel”. Isso porque não é definida biologicamente, mas sim sociologicamente. A identidade completamente

unificada, completa, segura e coerente é uma utopia. Refletindo os tipos de sujeito apontados pelo autor, o homem moderno não é mais visto como apresentado pelo sujeito do iluminismo, sujeito da razão, nem muito menos como o sujeito sociológico em que é formado somente do social. Ele é um indivíduo que constrói sua identidade na interação psíquica com a sociedade. O homem de hoje, é, confrontado por variadas representações culturais e sistemas de significação identitária, restando-lhe escolher a que melhor se identifique. Todas essas visões tendem a oferecer a explicação da constituição-dissolução-reconstituição-constituição e individuação do sujeito. Bauman (2005, pp. 22-23) afirma que “Atualmente, no entanto, a ‘identidade’ é o ‘papo do momento’ um assunto de extrema importância e em evidência.”

Lasch (1983) também apresenta a relação entre o sujeito e a sociedade, sustentando que o sujeito narcísico ou o Eu Mínimo é consequência do mundo globalizado. Inserido numa sociedade consumista, o sujeito mascara-se como forma de sobreviver a crítica massificada e narcisista imposta pela sociedade atual. “[...] o narcisismo significa uma perda da individualidade e não a auto-afirmação; refere a um eu ameaçado com a desintegração e por um sentido de vazio interior” (LASCH, 1983, p. 47). Essa visão do autor remete a compreensão da dificuldade que o sujeito moderno tem de construir sua identidade.

Adorno e Horkheimer (2006) contribuem também na explicação da existência do sujeito moderno, ao apresentar um conceito passivo de esclarecimento, revendo o conceito de mito. Para os autores, o sujeito moderno encontra-se classificado pelo processo técnico, e divisão burguesa do trabalho: “o eu integralmente capturado pela civilização se reduz a um elemento dessa inumanidade, à qual a civilização desde o início procurou escapar” (ADORNO e HORKHEIMER, 2006, p. 37). Percebemos que o sujeito capturado pela civilização moderna, torna-se descentrado, mutilado devido o perigo imposto pela sociedade industrial.

Dessa forma, vemos que a construção da identidade é um processo complexo que apresenta um desequilíbrio do seu “eu”, em relação ao conflito com o outro. É partindo dos estudos da questão da identidade, que iremos observar como podemos relacionar ou conceituar o porquê da representação do sujeito enquanto ser social, tendo em vista o seu descentramento. Além disso, procuraremos refletir sobre a relação entre mito literatura para compreensão da constituição do sujeito moderno por meio da ficcionalidade.

4.1 Mito e Literatura

A civilização grega se destaca por ter criado vários mitos com a intenção de explicar fatos até então desconhecidos. Esses mitos apresentavam a história da linguagem, e a humanidade propriamente os transmitia, a princípio por meio da oralidade e posteriormente através da escrita. Vale salientar que os mitos antigos são considerados, nos dias atuais, como fontes de informações importantes para entendimento não somente da civilização grega, mas de muitas outras culturas. A imaginação dos gregos criou personagens mitológicos, como deusas, ninfas, heróis, e muitos outros, que até hoje contribuem para o crescimento da mitologia moderna. Devemos a Homero e a Hesíodo a sistematização desse pensamento mítico que ainda hoje é manancial de estudo e de indagação entre antropólogos, sociólogos, críticos literários, e outros. Assim, defendemos a hipótese de que compreender o mito é entender a história da humanidade, porque a mitologia, conforme Armstrong (2009, p. 10), retrata outro plano que existe concomitante com a nossa realidade. “A crença nessa realidade invisível, porém mais poderosa por vezes chamada de mundo dos deuses, é um tema básico da mitologia”. Conforme Luccioni (1977, p.123): “[...] o mito não é literatura, é a reinterpretação dos mitos que se torna literária [...]”

Nesta perspectiva, à luz de Luccioni (1977, p. 125), o conhecimento mitológico está ligado ao conhecimento literário, pois assim como a poesia, o poema o romance, o mito é

ficção. “[...] o mito é talvez ao mesmo tempo a mais bela produção literária do homem e a que se presta melhor a um estudo científico.” Assim, o mito é um *corpus* integrante da literatura, uma vez que o universo ficcional do mito é visto como sendo dotado de um valor simbólico apresentando fronteiras com a simbologia da arte literária. Todos esses gêneros possuem suas particularidades, mas estão imbricados de ficcionalidade. Apesar de apresentarem divergências quanto a sua estética tratam da arte, portanto é literatura.

A literatura vem apresentando-se como um veículo para a representação do mito, para Mielietinsky (1987) O mito tem servido de inspiração para o fazer estético, reatualizando-se. A mitologia, na visão romântica transita entre o fantástico e o misticismo no romance do séc. XX. O tema mítico, pode se manifestar tanto como procedimento artístico, como visão de mundo, superando dessa forma, a visão da temática tradicional do séc. XIX, ou seja, a nova mitologia subsidia de conhecimentos psicanalíticos para explicar fenômenos da interioridade do homem.

A relação entre literatura e mito leva-nos a acreditar que poderemos estabelecer uma conexão do mito de Narciso, com as obras escolhidas, uma vez que a literatura, segundo Mielietinski (1987, p. 324), “serve-se de material mítico, integrando-o ao conteúdo poético, tornando o mito valorizado em nossa época”. E como o reflexo é um dos pontos chaves do mito de Narciso, as personagens das narrativas selecionadas também apresentam o momento de reflexibilidade, seja por meio do espelho, de retratos, de um olhar, de um ato contemplativo com o outro – um animal, em “O búfalo” e em “Tentação”; um homem mascando chiclete, em “Amor”, um mendigo, em “A bela e a fera ou a ferida grande demais”, a mãe em “Laços de família”; seja pela introspecção psicológica, em que as personagens em um momento de devaneio refletem sobre si e os outros. Segundo Xavier (1991, p.16), “a presença constante do espelho nessas narrativas, revela a busca da identidade, motivo temático, característicos de momentos de mudança das estruturas sociais”.

A confluência mito e literatura é dada através da relação entre o histórico, o cultural, o folclórico e o maravilhoso. Na modernidade, o conhecimento mitológico tem despertado interesse de muitos autores por permitir compreender as identidades do sujeito moderno por meio da sua reatualização. É o que ocorre no mito do duplo, como veremos a seguir.

4.2 O mito do Duplo: Conceitos e perspectivas teóricas

O mito do duplo aparece desde épocas remotas, apesar de apresentar-se em tempos distantes, está presente nas antigas lendas e narrativas. Com o passar do tempo, após o século XVI, este tema passou por modificações, representando a oposição do dialético e o heterogêneo. O duplo do heterogêneo refere-se ao indivíduo cindido, descentrado, ao seu duplo. O seu mundo é representado por imagens e signos ilusórios. O duplo representa os antagonismos e dicotomias do homem contemporâneo. Apresentando a fragmentação como uma das características do homem moderno no terceiro milênio (BRAVO, 1998).

A princípio o duplo era visto como configuração do sócia ou de gêmeos, ou seja, a tendência que prevalecia era do idêntico, a unicidade e o homogêneo. Como forma de constituição de identidade, este tema é presente na literatura. “[...] A literatura tem a vocação de pôr em cena o duplo, invalidando o princípio de identidade: o que é uno é também múltiplo, como bem sabe o escritor [...]”. (BRAVO, 1998, p.282). O duplo remete à ideia de que o constructo da identidade humana, refere-se a noção do igual, diferente, apresentando tanto como um ser idêntico ao outro, como diferente. Conforme Bravo (1998, p. 45), o duplo representa também, “a loucura em oposição à sanidade, ou o dualismo entre sentimento de razão, consciência, imanência e transcendência, e muitos outros”.

Dessa forma, o duplo revela o desdobro do sujeito, em que representa o encontro com o seu outro eu desprendendo dele. Essa ideia nos remete ao entendimento de que a

concepção de crise de identidade que causa o descentramento do homem advém do processo de mascaramento do eu.

Na atualidade, o mito vem ganhando destaque como conhecimento simbólico, mesmo porque os saberes mitológicos advém das experiências coletivas dos sujeitos, mesmo não sendo considerados os produtores dos mitos que subsidiam para explicar o desconhecido, esse conhecimento passa a ser visto como objetivação da realidade, que não é *logos*, mas um saber universal necessário. É nessa perspectiva que Cassirer (1994), afirma que é através do mito que o sujeito começa a aprender uma nova e estranha arte. Ou seja, é a arte de procurar explicar os fatos desconhecidos.

Vale dizer ainda que o foco do nosso estudo volta-se para a relação mito e literatura, pois, como apresenta Mello (2000, p.123), o mito na literatura, mesmo tendo sofrido ao longo do tempo transformações, permanece norteando a produção literária. Conforme Cavalcanti (1992), Lasch (1983) e Adorno (1985), a literatura tem uma vocação especial para tematizar o duplo. Como nosso interesse é sobre o estudo da identidade do indivíduo na atualidade, optamos por estudar o tema do duplo, relacionando ao modo de representação do mito de Narciso na narrativa contemporânea. Esse mito vem apresentando características modernas, acompanhadas pelas mudanças em que passa a sociedade. Reportamos também, a Luccioni (1977) para dá consistência ao nosso argumento: “O mito é, portanto, o discurso privilegiado entre todos pelo qual os remanejamentos sucessivos podem se elaborar em torno de um centro reduzido.” (LUCCIONI, 1977, p. 127)

Ao longo do nosso trabalho faremos uma coleta dos estudos míticos, partindo desde a visão filosófica e clássica até a modernidade, seguiremos esse percurso discursivo para chegarmos às marcas do mito de Narciso no discurso teórico e nas narrativas de Clarice Lispector, destacando a dualidade de suas personagens.

O duplo surge na contemporaneidade advindo de valores superficiais imbuídos pelo poder, status, sucesso, sendo que sentimentos como o amor, a família e a estrutura da comunidade ficam a margem. É a distorção do desenvolvimento do sujeito que leva a dualidade de sua personalidade. O duplo manifesta-se também por meio da experiência da subjetividade, representando-se como amostra da identidade/interioridade projetada na literatura de várias formas. O duplo ainda pode representar a loucura em oposição à sanidade, ou os dualismos entre sentimento e razão, consciência e inconsciência, ocasionando o descentramento e estranhamento do sujeito, por ocasionar inquietação na interatividade do indivíduo.

O mito do duplo está representado no mito de Narciso, uma vez que este jovem encontra dificuldade na busca do si mesmo. Vale lembrar que o narcisismo é a qualidade de Narciso. Este é conhecido mitologicamente como um rapaz muito vaidoso. Diz o mito que Narciso de tanto humilhar, ou melhor, rejeitar os seus pretendentes foi castigado. Certo dia, ao ajoelhar-se ao lado de um lago, e ao ver o seu reflexo, contempla a sua beleza. Ficou tão fascinado com o seu reflexo, que começou a enamorar-se e ao perceber que era ele mesmo definiu-se e morreu.

É na busca do questionamento sobre “Quem sou eu?” que o sujeito descentrado como Narciso indaga mesmo que inconscientemente por meio do reflexo de si mesmo, enquanto imagem enigmática e simbólica traz a complexidade da constituição do eu a partir do outro. É a partir do outro, do reflexo de si mesmo no lago, que Narciso busca sua condição de ser no mundo. Partindo desse pressuposto, procuraremos relacionar o duplo fazendo uma conexão com o mito, especificamente o mito de Narciso.

O tema duplo é recorrente em obras variadas, como “*O retrato de Dorian Gray* de Oscar Wilder; *Metamorfose* de Kafka; *O estranho* de Camus; *O homem duplicado* de Saramago; *O retrato de Gogol*, dentre outros. Aparece também na obra de autores brasileiros, como Machado de Assis e Guimarães Rosa.

A representação do duplo ressurgiu na literatura brasileira na segunda metade do século XX na obra de Murilo Rubião e Lygia Fagundes Telles, sendo associado, também à morte e à identidade. A partir disso, o duplo vem servindo como uma experiência inquietante na literatura, podendo simbolizar também um rival, uma projeção do outro, o reflexo, a alma, a sombra, a imagem no espelho, os gêmeos e outros.

A temática do duplo ocupa lugar privilegiado na literatura apresentando várias acepções, como algo persecutória, agourenta. Pélicier (1995 citado por LAMAS, 2004, p. 62) no ensaio *La Problématique du Double*, aponta seis tipos de duplo: a) o duplo natural, o gêmeo homozigoto; b) o duplo como fenômeno físico; c) a fabricação de um simulacro, incluindo-se o retrato, o figurino e a máscara; d) a fabricação de um outro ser – a criatura; e) o fenômeno mais complexo intitulado de “transgressão”; f) o duplo como resultado de transformação em que o original sofre metamorfose. É neste último caso do duplo, que Pélicier (1995) insere todas as transformações do duplo em relação à morte.

No que se refere a ficção de Clarice Lispector, o duplo se apresenta em sua grande maioria por meio do processo epifânico, ou através da introspecção psicológica, revelando a vida de suas personagens, em um momento aparentemente banal.

4.3 A literatura de Clarice Lispector

A partir de 45, a prosa brasileira investe numa literatura intimista, de sondagem psicológica e introspectiva, com grande destaque para Clarice Lispector, que, de forma sempre renovada, utiliza a técnica do “fluxo de consciência”, como marca de sua narrativa. Vale ressaltar, no entanto, que a introspecção psicológica já era praticada por outros escritores, como James Joyce e Virginia Woolf, desde o realismo do século XIX.

O grande impacto renovador de Lispector, nos anos 40, deveu-se ao fato das suas narrativas não se estruturavam como as tradicionais, com começo, meio e fim, revolucionando a configuração lógica do tempo. Nas narrativas de Clarice, o tempo confere o caráter de fluxo e refluxo, que permeia as sensações, sintomas e impressões das personagens. O tempo difuso e confuso confere um caráter fragmentado e descentrado no discurso narrativo

Em se tratando do conto, vemos principalmente em Lispector ausência de preocupação com a construção de um enredo tradicionalmente estruturado, pois a sua literatura busca compreender a consciência individual das suas personagens, marcadas quase sempre pela introspecção psicológica, característica que constitui os seres ficcionais de Clarice Lispector.

Nos contos selecionados nesta pesquisa, “Ele me Bebeu”, que faz parte do livro *A Via Crucis do Corpo*; “Devaneio e Embriaguez duma Rapariga”, de *Laços de Família*; “Obsessão” de *A Bela e a Fera*, é possível observar indícios do mito de Narciso na representação das personagens. Quanto aos textos de Clarice, vale dizer que a escritora desenvolveu com maestria a condição do sujeito moderno, pondo como foco os dramas de suas personagens a indagação, com a pergunta: “Quem sou eu?” Assim sendo, a obra de Lispector permite, com suas inovações poéticas, refletir sobre as relações entre o “eu” e o “outro”, a falsidade das relações humanas o esvaziamento das relações familiares, e, sobretudo, a própria linguagem, considerada pela autora como única forma de comunicação do mundo. Outros aspectos importantes na obra clariceana são a dificuldade de relacionamento humano, a hipocrisia dos papéis socialmente definidos, a busca do eu em tentativas da constituição da identidade individual.

Na ficção de Lispector, o tema duplo é recorrente. A temática apresenta-se na obra da autora, revelando o descentramento de suas personagens. A título de exemplos temos o conto “O Búfalo”, *Laços de Família* (1998b); “A Bela e a Fera ou A Ferida Grande Demais;” dentre outras.

É tomando como base este viés temático que este trabalho busca contribuir para ampliar os horizontes da linha de pesquisa Discurso, Memória e Identidade, a partir das reflexões acerca dos estudos das personagens, que giram em torno da construção da identidade do sujeito. Esperamos que os resultados da pesquisa possam enriquecer o debate acadêmico e científico, ampliando leituras sobre as obras de Lispector, sobre a problemática da identidade e, sobretudo, contribua com o fazer científico de forma geral, fora dos muros da UERN. Esperamos ainda, que esta pesquisa venha contribuir com outros trabalhos desenvolvidos no PPGL, uma vez que optamos por estudar textos poucos explorados pela crítica especializada da escritora, recortando uma problemática que parece não ter despertado grande interesse pelos estudiosos da ficção de Clarice. Esperamos, sobretudo, com esta pesquisa cooperar com os avanços sobre o estudo da personagem da obra de Clarice e também sobre a relação mito/ literatura, metáfora/ mito, de modo a ampliar as discussões sobre a temática do duplo.

5 METODOLOGIA

Neste trabalho analisamos o mito de Narciso na construção da identidade das personagens lispectoriana. Para tanto, a nossa pesquisa, de caráter crítico-analítico, se caracteriza como explicativa e interpretativa, buscando compreender a problemática eleita em três contos selecionados de Clarice Lispector

A investigação pressupõe leituras dos textos literários, da fortuna crítica de Clarice, de textos sobre o tema do duplo e assuntos a este relacionados, bem como textos de teoria da literatura. Como a obra literária constitui o *corpus* deste trabalho, pretendemos analisar a ficção clariceana tendo como base estudos sobre o problema da identidade na modernidade.

Convém destacar que esta pesquisa é de caráter bibliográfico e está enquadrada no método dedutivo uma vez que pressupõe que as verdades já afirmadas sirvam de base para se chegar a conhecimentos novos. Assim, partimos de uma situação geral sobre a questão da identidade e sobre a representação da identidade nas narrativas escolhidas de Lispector. Em outras palavras, partimos de uma teoria já formulada para a interpretação dos dados, para chegarmos ao conhecimento específico, a construção da identidade das protagonistas dos contos em questão.

Como métodos de procedimentos, utilizamos o método comparativo analítico, pois além de analisar as marcas do mito de Narciso, expressas nos contos destacados, propomos também cotejar os três textos da escritora com o intuito de observar pontos semelhantes e dessemelhantes.

Esta pesquisa não pressupõe dados de campo, já que se trata de uma pesquisa bibliográfica, uma vez que, temos como *corpus* três contos de Clarice Lispector. Portanto, conclui-se, que a presente pesquisa apresenta documentação direta.

O *corpus* da pesquisa compõe-se de 3 (três) contos, de Clarice Lispector, “Ele me Bebeu,” que faz parte do livro *A Via Crucis do Corpo*; “Devaneio e Embriaguez duma Rapariga”, *Laços de Família*; “Obsessão” de *A Bela e a Fera*.

Para análise da pesquisa adotamos os seguintes procedimentos: Observação do processo de construção da identidade das protagonistas, considerando traços do mito de Narciso expressos nos contos; Demonstração de como ocorre as apropriações do mito na representação de personagens nos contos selecionados; Estabelecimento de relações entre as narrativas analisadas, com o intuito de verificar convergências e/ou divergências na atualização do mito do duplo.

Esta pesquisa teve duração de quatro semestres. Durante esse período estivemos realizando leituras livres procurando nos apropriarmos dos traços característicos das obras de

Lispector, bem como de textos que tratam da teoria do duplo, do mito e do conto, conforme detalhamento expresso no cronograma de atividades apresentado a seguir.

6 REFERÊNCIAS

- ADORNO, T. W; HORKHEIMER, M. **Dialética do esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Tradução Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- _____. **Mínima moralia**: reflexões a partir da vida lesada. Tradução de Gabriel Cohn. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2008.
- ARMSTRONG, K. **Breve história do mito**. tradução Celso Nogueira. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- BAUMAN, Z. **O mal-estar da pós-modernidade**. Tradução de Mauro Gama & Cláudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- _____. **Identidade**: Entrevista a Benedetto Vecchi Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed, 2005.
- BRAVO, A. **O conto brasileiro contemporâneo**. São Paulo: Cultrix, 1998.
- BRUNEL, P (Org.). **Dicionário de mitos literários**. 2 ed. Tradução de Carlos Sussekind *et al.* Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.
- BORELLI, O. **Clarice Lispector**: esboço para um possível retrato. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.
- CANDIDO, A. **Literatura e Sociedade**: estudo de teorias e história literária. 8 ed. São Paulo. T.A. Queiroz, 2000.
- CASSIRER, E. **O Mito do estado**. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1976. (1946).
- _____. **Linguagem e mito**. 3 ed. São Paulo: Perspectiva, 1992.
- CAVALCANTI, R. **O mito de narciso**: o herói da consciência. São Paulo: Cultrix, 1992.
- CORTAZAR, J. “Alguns aspectos do conto”, “Do conto breve e seus Arredores” e “Poe: o poeta, o narrador e o crítico”. In: _____. **Valise de Cronópio**. São Paulo: Perspectiva, 1974, p. 147-163.
- ECO, U. **Sobre os espelhos e outros ensaios**. Tradução de Beatriz Borges. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1989.
- ELIADE, M. **Imagens e símbolos**: ensaios sobre o simbolismo mágico-religioso. Tradução de Sonia Cristina Tamer. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- _____. **Mito e Realidade**. Tradução. Póla Civelli. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- FREUD, S. “O retorno do reprimido”. In: **Moisés e o monoteísmo**. Tradução de José O. de Abreu. Rio de Janeiro: Imagem, 1975.
- _____. O estranho. Vol. XVII. In: **Edição Eletrônica das obras completas de Sigmund Freud**. Versão 2.0. Rio de Janeiro: Imago, 1997a. p, 237-265.
- _____. Sobre o Narcisismo: uma introdução. Vol. XIV. In: **Edição Eletrônica das obras completas de Sigmund Freud**. -Rio de Janeiro: Imago, 1997b. 1 CD-ROM.
- GOTLIB, N. B. **Os difíceis Laços de Família**. In: Cadernos de Pesquisa, São Paulo n. 91, Nov. 1994, p.93-99.
- _____. **Teoria do Conto**. São Paulo: Ática, 2004.
- GOGOL, N. **O retrato**.-Assírio e Alvim. 2003.
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**; Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HOHLFELD, A C. **Conto brasileiro contemporâneo**. 2 ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

- HOLMES, J. **Narcisismo**. Tradução de Miguel Serras Pereira. Coimbra: Almedina, 2002.
- JUNG, C. G. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Petrópolis: Vozes, 2000.
- _____. **O eu e o inconsciente**. Tradução. de Dora Ferreira da Silva. 21 ed. Petrópolis: Vozes, 2008.
- KAFKA, F. **A Metamorfose**, Companhia das Letras. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- LAMAS, B. S. **Lygia Fagundes Telles: imaginário e a escritura do duplo**. (Tese de Doutorado) Porto Alegre – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2002.
- LASCH, C. **A cultura do Narcisismo**. Tradução. Ernani Pavanell. Rio de Janeiro: Imago, 1983.
- _____. **O mínimo Eu**. Sobrevivência psíquica em tempos difíceis. 4 ed. Editora Brasiliense, 1986.
- _____. **Laços de Família**. Rio de Janeiro. Rocco, 2ª Ed. 1998b.
- _____. **A via crucis do corpo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998c.
- _____. **Felicidade Clandestina**: Rio de Janeiro: Rocco, 1998d.
- _____. **A bela e a fera**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999a.
- LOWEN, A. **Narcisismo: Negação do verdadeiro Self**. São Paulo, Editora cultura 1983.
- _____. **Narcisismo: negação do verdadeiro self**. Tradução de Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix, 1993.
- LUCCIONI. A. *et al.* **Atualidade do mito**. São Paulo: Duas cidades, 1977.
- LUCAS, F. O conto no Brasil moderno. In: LIMA, L. C. **O livro do seminário**. São Paulo: Nestlé – L. R. editores, 1983.
- MARTINON, J. P. O Mito da Literatura. In: LUCCIONI, G.*et.al.* **Atualidade do mito**. São Paulo: Duas Cidades, 1977, p. 121-131.
- MELLO, A. M. L. de. As faces do duplo na literatura. In: INDURSKY, F; CAMPOS, M.do C. (Orgs.) **Discurso, memória e identidade**. Porto Alegre: Sagra-luzatto, 2000, p. 111-123.
- MIELIETINSKI, E. M. **A poética do mito**. Tradução de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.
- OVIDIO, N. A história de eco e Narciso. In: _____. **Metamorfoses de Ovídio**. Tradução de Vera Lúcia Leitão Magyar. São Paulo: Madras, 2003, p. 61-65.
- _____. **A República**. Tradução de Pietro Nassetti. 2 ed. São Paulo: Martin Claret, 2009.
- RANK, O. **O duplo**. Rio de Janeiro: Co editora Brasílica, 1939.
- SARAMAGO, J. **O homem duplicado**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- WILDE, O. **O Retrato de Dorian Gray**. Tradução de Oscar Mendes. São Paulo: circulo do livro, S/D.